

Enzo Bianchi

A VIDA E OS DIAS

Sobre a velhice



EDITORIAL A.O.

Título original

La Vita e i Giorni: sulla vecchiaia

© 2018 Enzo Bianchi

ISBN 978-88-152-27364-2

Tradução

Maria João Lucas

Foto da capa

Matteo Vistocco @unsplash

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

475364/20

ISBN

978-972-39-0911-1

Outubro de 2020

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt / livros@snao.pt

*Quando eras jovem,
vestias-te sozinho e ias para onde querias,
mas, quando fores velho,
estenderás as tuas mãos
e outro te vestirá
e te levará para onde tu não queres.*

Jo 21, 18

I

A idade e as estações da vida

«Coragem, a vida deve ser boa, bela e feliz!». Na minha vida ressoaram frequentemente palavras como estas, “adágios” recebidos em primeiro lugar de quem me tinha posto no mundo e tentava que a confiança crescesse em mim: sim, confiança na vida, nas pessoas, na sociedade. Palavras que, repetidas dia após dia, especialmente nas horas críticas, difíceis e penosas, chegavam ao meu coração não só como uma consolação, mas também como um convite à responsabilidade.

Sobretudo depois da morte da minha mãe, quando tinha apenas oito anos e fiquei sozinho com o meu pai numa situação de pobreza e precariedade, comecei a compreender que a vida que temos para viver é apenas uma: uma única vida, não existem outras! Na juventude, repeti estas palavras para mim mesmo, e depois tantas vezes as disse e escrevi para benefício de outros. De facto, esta é uma profunda convicção que habita em mim: existe uma arte de viver, aquela a que os nossos amados gregos chamavam *èchne toû bíou* e os latinos *ars*

vivendi. Porque a vida que vivemos depende também – não só, mas também – da nossa consciência, das nossas escolhas, da qualidade da convivência que tentamos construir em conjunto com os outros, nunca sem os outros, dia após dia.

Uma vida boa: é uma vida que prioriza a busca do bem, a busca do bem comum; é uma vida marcada pelo amor que se dá e recebe; é uma vida sobre a qual muitos podem dizer com naturalidade, ao ver quem a pratica: «É uma boa pessoa». Para quem é jovem e tem toda a sua vida pela frente, faço apenas este voto: «Que um dia se possa dizer de ti que amaste muito, que a tua vida foi uma história de amor e por isso uma vida que valeu a pena viver».

Uma vida bela: é uma vida que certamente não o pode ser se não for boa. Mas a vida recebe e transmite beleza, antes de mais, das relações que se estabelecem. Quando se vive a aventura do amor ou da amizade, quando se consegue vencer a solidão, quando se mantém uma relação de contemplação e de espanto com a natureza, quando se conhece a gratuidade e consequentemente a gratidão, então vive-se uma vida bela.

Uma vida feliz: todos sabemos e dizemos que «o duro ofício de viver» não pode ser evitado. Mas na dureza e na fadiga, até mesmo nas contradições, é possível viver fragmentos de felicidade. A felicidade é a resposta à procura de sentido, de tentar responder à pergunta que existe em nós: o que posso esperar? Viver feliz não é viver sem esforço, sem conhecer contradições e até sofrimentos, mas consiste em saber superá-los mantendo a convicção

de que temos uma razão pela qual vale a pena gastar a vida. E quem conhece a razão pela qual vale a pena dar a vida, gastá-la, chegando mesmo a morrer, tem também em si a razão pela qual vale a pena viver.

Somos humanos, terrestres, como diz o nome ‘*adam*’ dado na Bíblia à humanidade: fomos tirados da terra e à terra retornaremos (cf. *Gn* 2, 7.19), mas somos capazes de bondade, de beleza e de felicidade, e esta é a verdadeira, a autêntica vocação de todas as vidas. Assim, a *ars vivendi* deve estar sempre presente ao longo de toda a vida – primeiro acolhida, depois vivida e por fim transmitida às novas gerações – para que o caminho da humanização não tenha empecilhos e não recue. Confesso que sempre procurei transmitir, tanto quanto pude, uma vida boa, bela e feliz, não só àqueles que viveram ou vivem comigo, como também a todos os que encontrei e junto dos quais percorri uma parte do caminho, assim como àqueles que ficaram longe ou que já não estão mais neste mundo.

É por isso que para mim é natural refletir, conversar com os outros e escrever sobre esta idade que estou a viver desde há algum tempo, embora seja sempre difícil calcular os anos. A idade da velhice? Sim, a idade em que se adentra, como num país estrangeiro, numa terra de que conhecemos apenas algumas coisas. Mas atenção: na realidade, deveria falar-se de «envelhecimentos», no plural, de múltiplos e diferentes processos nos quais a velhice é vivida: vivemos como idosos, vivemos como velhos e vivemos como anciãos, mesmo que estes últimos se tenham tornado raros.

Apenas pode falar da velhice quem sabe alguma coisa sobre ela, quem a atravessa. Existe um velho ditado, antigo e sábio: «A cada etapa da vida o homem chega como um noviço». É verdade. Quando somos jovens, chegamos à maturidade, à crise dos quarenta anos ou da meia-idade e descobrimos que somos de novo noviços, diante de um caminho desconhecido porque nunca percorrido. Por isso deveria haver um ensinamento, deveria haver uma passagem da experiência, deveria haver, sobretudo, a transmissão da sabedoria, como uma verdadeira herança, por parte daqueles que já percorreram uma parte maior do caminho: transmitir a arte de viver significa unir as gerações entre si, gerar solidariedade, transportar de uma margem para a outra – e assim, de uma idade para a outra – aqueles que percorrem o caminho da vida. Transmitir é a única maneira de ser fiel àquilo que se recebeu.

De qualquer forma, é significativo que desde sempre, em todas as culturas e em todas as épocas, os seres humanos tenham sentido a necessidade de recorrer a imagens para lerem o percurso da sua própria vida. Claro, por vezes podem ser inadequadas, senão mesmo uma armadilha ou uma ilusão, mas não podemos deixar de o fazer. As épocas da vida podem ser evocadas, por exemplo, como a trajetória que o sol faz durante um dia. De manhã, ao nascer do sol e com o aparecimento da luz, é inegável sentir o começo da vida. Temos um dia inteiro à nossa frente, sentimo-nos fortes e prontos para enfrentar as diferentes tarefas que nos esperam. É o começo do dia, e para muitas pessoas com responsabilidades e profissões é a hora de entrar na vida com convicção e alegria. Isto, pelo menos,

para quem não está na situação dos eternos «deitados»*. Capacidade, força, entusiasmo, vontade de realizar projetos e de colaborar com os outros tornam-se o alimento que nutre a nossa vida.

Ao final da manhã, existe a pausa para o almoço, cada vez mais curta, anónima, vazia de afetos e muitas vezes considerada como mais uma oportunidade de trabalho ou de encontros profissionais. Depois recomeça-se a atividade até ao final da tarde, quando amiúde experimentamos a frustração de não termos conseguido terminar aquilo a que nos tínhamos proposto. Ficou muito por fazer e por vezes sentimo-nos incapazes de concluir algo...

E então chega a noite, marcada pelo cansaço: o jantar já não é um lugar de comunhão e de renovação de afetos, é antes a mesa da estranheza, porque os filhos estão fora, envolvidos nas suas atividades ou com os seus amigos; havendo pouco a dizer, deixa-se que seja a televisão a falar, enchendo de barulho a cozinha e a sala de jantar. Por fim, chega a hora de dormir, admitindo que não seja a insónia a marcar as nossas noites... O dia, com os seus vários momentos, parece fazer alusão às diferentes épocas da vida.

Contudo, nas nossas latitudes, é mais fácil encontrar alguns traços capazes de ilustrar as idades da vida compa-

* «*Sdraiati*» no original, do verbo *sdraiarsi*, “deitar-se”, “estender-se”. O termo adquiriu notoriedade com o livro *Gli sdraiati* de Michele Serra, publicado em 2013, e com o filme homónimo realizado por Francesca Archibugi, com lançamento em 2017. *Gli sdraiati* descreve o mundo adolescente e juvenil, um mundo caracterizado pelos ritmos próprios de sono durante o dia e vigília durante a noite. [N. E.]

rando-as com as estações do ano. Nas culturas anteriores à nossa, a relação entre os seres humanos e a natureza era tal que levava à leitura das fases da vida fazendo referência imediata às estações do ano. Não era por acaso que muitas vezes o ano começava com a primavera, a época do florescimento da vida, do aparecimento das flores e do renascimento das árvores que, no inverno, pareciam mortas. Primavera e juventude são sinónimos, enquanto estação de vitalidade que se manifesta e se impõe, tempo de canto e de amores, de estar ao ar livre, de corridas e da alegria de novas descobertas.

Depois o verão, estação da maturidade, com o sol que proporciona dias longos, aquece e por vezes queima. A vida confirma-se todos os dias e começam a aparecer os frutos, mesmo que o cansaço do trabalho comece a fazer-se sentir.

E eis a velhice, encostada ao outono, estação que pode ser lindíssima, com os seus ritmos mais lentos, em que nos sentimos bem em casa, estando connosco mesmos, acendendo a lareira ao final da tarde, quando começam os primeiros frios. O outono é um revestir-se de cor, especialmente na minha terra, Monferrato, onde as vinhas, às quais é arrancado o fruto, se tornam sanguíneas, douradas, violáceas, esverdeadas, dependendo da qualidade das videiras. A natureza – diz-se – parece vestir-se de forma colorida, como que para uma festa, as folhas das árvores mudam de cor e recolhem-se os frutos. A luz do sol esmorece e a natureza parece mostrar mais o seu ser do que a sua dádiva. Muitos velhos dizem: «Para mim é outono, a última estação! Assim como diminui o sol, assim dimi-

nuem as minhas forças. À medida que os dias ficam mais curtos, assim se encurta a minha vida». Confesso que, passeando no bosque, às vezes paro para me sentar numa pedra e olho para as últimas folhas que resistem no ramo. Observando-as, fico pensativo. E quando o vento as agita, sinto o meu coração tremer, na esperança de que não caiam ou, se tiverem mesmo de cair, o façam dançando até ao chão, na sua última dança.

Na realidade, a última estação é o inverno, com o seu silêncio, o despojamento de todas as plantas, o desaparecimento das flores, o repouso que parece uma morte. O inverno também pode ser uma estação extraordinária, com a geada a bordar as árvores, tornando-as prateadas, com a neve cobrindo tudo, assegurando à terra o repouso absoluto. Mas para nós, humanos, se formos idosos, esta é a estação “triste”, da qual se tem medo, talvez porque nos põe perante o fim que nos espera.

As estações são uma metáfora eloquente das idades da vida, que nos acompanha de forma diferente e variada ao longo dos nossos dias. Os poetas cantaram muitas vezes estas imagens e talvez seja reconfortante para os idosos lembrar as palavras de John Donne:

Nenhuma beleza de primavera
nenhuma beleza estival
tem a graça
que vi num rosto outonal¹.

¹ J. Donne, *Elegia IX – L'autunnale*, in Id., *Liriche sacre e profane. Anatomia del mondo. Duello della morte*, Milano, Mondadori, 1999, p. 25.

Índice

| | | |
|-------|---------------------------------------|----|
| I. | A idade e as estações da vida | 7 |
| II. | Medos..... | 15 |
| III. | Os sinais do envelhecimento | 23 |
| IV. | A velhice no Grande Códice | 31 |
| V. | Preparar-se | 45 |
| VI. | Desapegar-se e recordar | 53 |
| VII. | Natureza, cozinha e sexualidade | 61 |
| VIII. | Ler, escrever, escutar, ver | 69 |
| IX. | <i>Senesco</i> | 77 |
| X. | Diário da velhice | 83 |
| | <i>Não ouves?</i> | 83 |
| | <i>Corrimão</i> | 85 |

| | |
|----------------------------------------|-----|
| <i>Luz, luz!</i> | 87 |
| <i>Amigos que partem</i> | 90 |
| <i>Caminhar</i> | 93 |
| <i>Oração</i> | 96 |
| <i>Testamento vital</i> | 98 |
| <i>Demissão: Traduntur cervi</i> | 101 |
| <i>O que posso esperar?</i> | 104 |
| <i>Índice</i> | 109 |